

5

A Piedade Bárbara e a Civilidade Sanguinária

Neste capítulo abordaremos *As Incríveis Aventuras e Estranhos Infortúnios de Anthony Knivet*. Argumentamos que o relato, publicado por Samuel Purchas em 1625, oferece uma visão particularmente distinta daquela que encontramos em outras obras do mesmo período, como as narrativas de Francis Drake abordadas no capítulo precedente. Apesar de ter aparecido pela primeira vez em uma publicação propagandística, de cunho nacionalista inglesa, a obra de Knivet desestabiliza a relação triangular entre os índios americanos, os ibéricos conquistadores e as nações que se opunham ao domínio católico, como os ingleses e os franceses. Knivet promove uma planificação da hierarquia da barbárie e talvez por isso mesmo tenha recebido pouca atenção por parte do público europeu.

Nosso objetivo é sugerir que, na batalha ideológica entre protestantes e católicos, vez por outra abre espaço para narrativas que jogam por terra a ideia de superioridade moral de um lado ou de outro.

5.1.

A história se repete

Os assaltos de Francis Drake às Américas expuseram uma terrível fraqueza do projeto colonial espanhol; de pouco importava a abundância de ouro e prata que jorrava das minas do Peru se não fosse possível transportar estes metais em segurança até os cofres da coroa na Espanha. A primeira viagem de Drake mostrou que um assalto direto às cidades coloniais poderia ser realizado dispondo apenas de um punhado de homens bem armados; a segunda viagem mostrou definitivamente que o isolamento geográfico do oceano Pacífico não era suficiente para garantir a segurança das embarcações espanholas contra os ataques dos *corsários luteranos*. O contínuo fluxo de metais preciosos dos quais dependia a vitalidade da *Respublica Christiana* estava definitivamente em perigo.

A notícia de que um tal Francisco Draquez havia cruzado o Estreito de Magalhães e assaltado diversos portos na costa pacífica deixara os espanhóis atordoados. Em

1579, Felipe II decidiu enviar uma armada, sob o comando de Pedro Sarmiento, com o objetivo de proteger a passagem do oceano Pacífico e, se possível, capturar o salteador inglês e reaver o que ele havia tomado (Markham, 2010). Sarmiento não encontrou Drake, que decidira fazer o caminho de volta à Inglaterra completando a círculo em torno do globo e evitando a emboscada espanhola. A expedição de Sarmiento, contudo, não foi um total fracasso. Ao retornar à Espanha, em 1580, com mapas precisos do amontoado de pequenas ilhas que compõe o estreito de Magalhães, informações valiosas para a época, Felipe II o despachou novamente para os mares do sul. Desta vez, deveria estabelecer uma colônia fortificada na passagem de modo a evitar que novas incursões como a de Drake ao Pacífico acontecessem. A empreitada, contudo, fracassou miseravelmente. Dos dois mil e quinhentos homens e mulheres que deixaram Cádiz em 1581, apenas quatrocentos conseguiram chegar ao destino em razão de diversos contratempos que assolaram a expedição. Desprovidos de suprimentos e força de trabalho suficientes, a cidade fortificada, que Sarmiento nomeara *Rey Don Felipe*, não demorou a sucumbir ao frio e a fome. Em 1587, quando o inglês Thomas Cavendish decidiu repetir a façanha que Drake fizera alguns anos antes, encontrou apenas as ruínas do que fora a fortificação espanhola erguida justamente com o propósito de proteger a costa pacífica da América do sul contra novas excursões piráticas dos corsários ingleses. Residiam ali apenas vinte e um homens e duas mulheres em péssimas condições. No relato de sua viagem, Thomas Cavendish descreve assim a situação na qual encontrara os sobreviventes:

“These Spaniards which were there, were only come to fortify the Straits, to the end that no other nation should have passage through into the South Sea, saving only their own; but as it appeared, it was not God’s will so to have it. For during the time that they were there, which was two years at the least, they could never have any thing to grow or in any wise prosper. And on the other side de Indians oftentimes preyed upon them, until their victuals grew so short, that they died like dogs in their houses, and in their clothes, wherehein we found them still at our coming, until that it the end the town being wonderfully tainted with the smell and the savour of the dead people”.

(Payne, 1900)

Após verificar que a cidade estava vazia de gente viva e saudável, Cavendish reabasteceu tranquilamente seu navio com madeira, água e continuou seu caminho. Mas não sem antes renomear a cidade para *Port Famine*, ou Porto da Fome, em homenagem sombria aos que ali pereceram. Sem se deparar com

qualquer tipo de resistência espanhola, a expedição de circunavegação de Cavendish foi um sucesso assim como a de Drake havia sido anos antes.

Cavendish era um homem da mesma estirpe de Francis Drake. Vinha de uma família abastada de Plymouth, era educado, odiava católicos profundamente e, acima de tudo, era ambicioso. Assim como Drake, suas empreitadas eram uma mistura de comércio internacional, aventura pessoal e expedição militar. Para os objetivos políticos da Rainha Elizabeth, uma combinação perfeita. Os corsários elisabetanos foram uma arma formidável de guerra e política externa. Em um só movimento, o curso permitia à Inglaterra privar a Espanha católica dos preciosos recursos extraídos das colônias americanas e ao mesmo tempo enriquecer seus próprios cofres. Tudo isso sem gastar um centavo sequer para erguer uma marinha real oficial. É bem verdade que a religião era um fator fulcral na motivação dos piratas ingleses, mas em momento algum foi o único; considerações comerciais e políticas estavam intrinsecamente conectadas aos assuntos de religião. O que a prática do curso fazia era simplesmente unir o útil ao agradável. Em 1588, quando Cavendish retornou de sua expedição em torno do globo, foi, assim como Drake, armado cavaleiro pela Rainha; pouco importa que Drake tenha realizado sua viagem em tempos de paz – e, portanto, como um pirata – e Cavendish o tenha feito enquanto durava a guerra entre a Inglaterra e a Espanha (1586-1604), como um *priveteer*. A diferença era apenas formal.

Em 1591, apenas três anos após o seu retorno à Inglaterra, Cavendish decidiu zarpar novamente para repetir sua façanha. Desta vez, porém, sua viagem foi um desastre. A frota que partiu de Plymouth contava com três galeões: o *Leicester*, sob o comando de Cavendish; o *Roebuck*, comandado por John Cocke; o *Desire*, comandado pelo famoso e experiente John Davis; e duas barcas de menor porte, a *Black Pinnace* e a *Dainty*. Ao todo, trezentos e trinta homens compunham a tripulação da frota de Cavendish, dentre os quais mais da metade vinham de famílias prestigiadas da nobreza comercial. Eram “jovens de alta estirpe, descapitalizados, que viam na pilhagem dos tesouros espanhóis um método legítimo de estruturar suas vidas” (Carvalho, 2014). Essa composição de tripulação não era uma particularidade da frota de Cavendish. Boa parte das expedições dos piratas elisabetanos contavam com estrutura similar. O fato é que,

ao longo do século XVI, e ao contrário do que acontecerá no século seguinte, expedições de pilhagem como as empreendidas por Cavendish, Drake, entre outros, eram ofícios respeitáveis disponíveis apenas a uma pequena e abastada parcela da população.

Cavendish provavelmente planejava tomar a cidade de Santos para ali abastecer-se de provisões e em seguida partir para o estreito de Magalhães. A estadia em Santos, porém, durou mais tempo do que fora previsto. Por este motivo, a travessia do estreito teve de ser tentada durante o mês de maio, enfrentando o frio e o tempo ruim que são característicos do lugar nesta época do ano. “Para os historiadores ingleses”, conta Carvalho, “a longa temporada de Cavendish em Santos carece de lógica” e responde muito provavelmente pelo fracasso da expedição. Carvalho argumenta que a longa estadia de Cavendish em Santos explica-se, muito provavelmente, pela geografia imaginada da época. Santos seria não apenas um lugar para buscar provisões, uma parada temporária de abastecimento; pelo contrário, deveria ser um ponto estratégico para colonização inglesa, visto que imaginava-se estar a apenas doze dias de viagem por terra das famosas minas de prata do Peru. A cidade de Santos, neste caso, seria então um entreposto importante para a tomada destas riquezas. Soma-se a isto os relatos de abundância de metais preciosos que chegavam à Europa provenientes do interior recém explorado do Brasil: “Santos e São Vicente surgiam como uma espécie de terra prometida e possível Eldorado ainda inexplorado” (Carvalho, 2014; Knivet, 2008). Mas o fato é que, durante sua longa estadia em Santos, não parece que Cavendish tenha se preocupado com isso e em momento algum o suposto plano de colonização foi declarado em seus relatos. Ao que tudo indica, fora a própria desorganização da expedição, que não conseguira juntar a tempo os mantimentos necessários para viagem, que determinou o destino sofrível dos navegadores ingleses. A expedição terminou por consumir todos os mantimentos da cidade antes mesmo de partir para o estreito de Magalhães. Para John Jane:

“The cause why Mr. Cavendish desired to take this town was to supply his great wants; for being in Santos, and having it in quiet possession, we stood in assurance to supply all our needs in great abundance. But such was the negligence of our Governor, Mr. Cocke, that the Indians were suffered to carry out of the Town whatsoever they would in open view. ... Thus in three days the town that was able to furnish such another fleet with all kinds of necessaries, was left unto us nakedly bare, without people and provision”.

(John Jane, 1880)

E Anthony Knivet diz em seu relato que:

“Permanecemos dois meses em Santos – o que foi a ruína de nossa viagem. [...] Muitos de nossa companhia aconselharam o capitão-mor a passar o inverno na vila, mas ele não aceitou de modo algum”.

(Knivet, 2008)

Seja como for, o fato é que a demora em Santos foi o fator determinante para o fracasso, e as razões para este atraso não são facilmente determináveis. A despeito das opiniões contrárias de seus companheiros e muito provavelmente por conta de sua pouca experiência como marinheiro, Cavendish zarpou de Santos em direção a *Port Desire* apenas para descobrir que seus mantimentos eram insuficientes para tal viagem e as condições climáticas ceifaram impiedosamente a vida de seus tripulantes uma após a outra. John Jane descreveu assim a situação em que se encontravam na ocasião em que atingiram o estreito de Magalhães:

“In the which time we endured extreme storms, with perpetual snow, where many of our men died with cursed famine and miserable cold, not having where with to cover their bodies, nor to fill their bellies, ... And all the sick men in the Galeon were most uncharitably put ashore into the woods in the snow, rain, and cold, when men of good health could scarcely endure it...”

(John Jane, 1880)

Vencidos pelo cansaço, Cavendish e sua tripulação decidem retornar à Santos para descansar e reabastecer os navios. Porém, a situação já estava de tal modo agravada que a tripulação mal conseguia se manter de pé, o que dirá então tomar novamente uma cidade que, desta vez, não seria pega desprevenida. Sem encontrar guarida em Santos e com a frota desmembrada devido a uma tempestade, Cavendish ainda tentou, sem sucesso, tomar o porto de Vitória, no Espírito Santo. Após mais este fracasso a tripulação do *Leicester* decidiu rumar de retorno à Inglaterra. Cavendish morreu no mar por motivos desconhecidos, mas deixou uma carta testamento amarga na qual culpou o capitão John Davis, cujo navio *Desire* havia se separado da frota em uma tempestade, pelo fracasso da viagem. A tripulação do *Leicester* chegou à Inglaterra em frangalhos no ano de 1593, dois anos após ter partido (carvalho, 2014).

5.2.

As incríveis aventuras de Anthony Knivet

Os relatos de navegação que chegavam à Europa ao fim do século XVI eram muito mais do que uma diversão frívola para os seus leitores e promotores. Tratava-se, efetivamente, de uma “batalha de livros” cujas narrativas legitimavam cada qual os seus atos de violência contra o “inimigo”. Richard Hacluyt, clérigo de grande influência na corte de Elizabeth, dedicou sua vida à compilação, edição e publicação de centenas de relatos de viajantes. Sua obra, *Principal Navigations*, fomentou os desejos de expansão colonial inglesa bem como sedimentou a clivagem religiosa e ideológica entre a Inglaterra protestante e a Espanha católica. De acordo com Sheila Hue, “se Portugal tem a síntese de sua identidade imperialista em um poema épico, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, a Inglaterra teve sua epopeia nacionalista na coleção de relatos marítimos organizada por Richard Hacluyt” (Knivet, 2008). Não é estranho, portanto, que encontremos nos relatos de viagens publicados por Hacluyt um forte tom ufanista e anticatólico. Frente à crueldade dos espanhóis retratada nas obras editadas por Hacluyt, a Inglaterra “prefigurava-se como nação diametralmente oposta à dos cruéis e desumanos espanhóis; sua política colonial se apresentava, idealmente, como a de uma nação que respeitava os povos indígenas e se opunha à crueldade de seus colonizadores” (Knivet, 2008).

Samuel Purchas herdou, após a morte de Hacluyt, sua imensa coleção de relatos inéditos e tomou para si a tarefa de editá-los e publicá-los. Sua obra, *Hakluyt Posthumus or Purchas his Pilgrimes*, trouxe ao público novos relatos que ressaltavam com tanta candura quanto a de seu sucessor os feitos dos marinheiros ingleses e a luta contra a Espanha católica. Enterrado no quarto volume desta obra, publicada em 1625 e dedicada às Américas, está o relato de Anthony Knivet sob o título de *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet, que foi com Thomas Cavendish em sua segunda viagem ao mar do sul*.

Anthony Knivet fora, muito provavelmente, filho ilegítimo de sir Henry Knivet, um nobre inglês. Sabe-se muito pouco sobre sua biografia e mesmo sua descendência não é muito segura. Mas, como já vimos, não é improvável que tenha sido embarcado na frota de Cavendish junto a tantos outros compatriotas de

proveniência ilustre que buscavam na pirataria uma forma legítima, do ponto de vista inglês, de fazer a vida. De fato, a pirataria se apresentava como uma alternativa lucrativa e prestigiosa para as famílias abastadas e com poderosos contatos na corte da Inglaterra. A primeira viagem de Cavendish não só rendeu fama ao capitão como fê-lo também um homem ainda mais rico do que fora de princípio – riqueza esta que foi perdulariamente dissolvida em poucos anos devido ao consumo conspícuo também tão particular aos nobres deste período; a segunda viagem prometia ganhos similares, ainda que não tenha atraído tantos investidores como a anterior.

A segunda expedição de Cavendish, contudo, foi um fracasso. Knivet experimentou na pele as dificuldades daquela empreitada desastrada; quando a frota foi atingida pelo frio e pela fome, Knivet foi um dos desafortunados tripulantes que adoeceu e foi deixado para morrer na Ilha de São Sebastião, hoje a Ilhabela, no litoral de São Paulo. Abandonado na praia com os pés gangrenados, Knivet miraculosamente conseguiu recuperar sua saúde, mas apenas para ser capturado pelos portugueses pouco depois. Por doze anos ficou no Brasil, por vezes servindo como escravo da família Correia de Sá, por vezes habitando com os “selvagens” e “canibais”. Knivet sobreviveu para retornar à Inglaterra, mas o fez a duras penas. Vendeu o manuscrito de sua aventura a Richard Hakluyt, que decidiu não o publicar de imediato, provavelmente porque julgou que a história desafortunada do marujo fazia mais mal à imagem inglesa do que bem. Coube a seu sucessor, Samuel Purchas fazê-lo quase trinta anos depois.

A narrativa de Knivet difere do tom impessoal e formalista típico dos relatos de navegação da época, mesmo porque não fora escrita para servir de registro documental dos feitos grandiosos da navegação inglesa, e nem mesmo guarda o tom de rancor religioso que caracteriza os trabalhos registrados por Hakluyt e Purchas. Não lemos um relato frio e objetivo do que acontecera com o pirata em sua aventura pelo novo mundo; pelo contrário, a narrativa é repleta de considerações subjetivas, de emoções em constante movimento e instabilidade. A grandiosidade do navegador inglês é despida de toda sua formalidade para se apresentar como uma mesquinha, quase uma tragicomédia. O mais importante, porém, é que a narrativa de Knivet desloca a centralidade moral dos ingleses tanto

em relação aos portugueses católicos quanto em relação aos índios “canibais” que encontra pelo caminho. Não há, em seu texto, um ponto seguro a partir do qual se possa julgar moralmente o mundo; não há, de certo modo, uma moral universal estática no tempo e no espaço. As paixões que afetam Knivet flutuam em um constante turbilhão de emoções. A dicotomia entre bom e mau, civilizado e bárbaro, protestante e católico, europeu e selvagem que estruturam os demais relatos compilados por Hacluyt e Purchas se encontram em constante tensão na narrativa de Knivet. Por vezes, os ingleses se comportam como animais, e os “selvagens” aparentam ser mais civilizados que os europeus; os portugueses cristãos tanto podem se assemelhar com monstros cruéis como também são capazes de compaixão maior do que a que Knivet poderia esperar de um compatriota inglês. A narrativa de Knivet não vira o mundo de ponta cabeça, pois isso implicaria apenas em uma inversão dos polos antagônicos; ela as desestabiliza.

Podemos dividir analiticamente a narrativa de Knivet em quatro partes mais ou menos cronológicas. Na primeira, que chamaremos de “fase inglesa” Knivet relata sua experiência enquanto tripulante do *Leicester*, sob o comando de Thomas Cavendish, e a desastrosa tentativa de cruzar o estreito de Magalhães até o seu abandono e captura na Ilha de São Sebastião. A segunda parte, a “fase portuguesa” trata da época em que Knivet ficou cativo com os portugueses no Rio de Janeiro, de sua relação com a família Correia de Sá, suas tentativas de fuga desesperadas e as incursões que realizou sob ordens de seus senhores portugueses em busca de escravos nas aldeias indígenas próximas. A terceira parte, a “fase indígena” congrega tanto o período em que Knivet morou junto aos Índios Tupinambás quanto de seu retorno à Europa. Por fim, na quarta parte, Knivet complementa suas observações sobre os costumes das diversas tribos com as quais teve contato em sua viagem e adiciona algumas informações complementares sobre eventos anteriores, frequentemente contraditórias.

5.2.1.

Entre os seus

Sua narrativa começa como tantas outras que podemos encontrar no mesmo período; com uma descrição da partida. A frota de Cavendish deixara de Plymouth rumando em direção às ilhas canárias esperando encontrar no caminho alguma embarcação que pudessem saquear e reabastecer os navios de suprimentos para a longa travessia do Atlântico. Contudo, encontraram apenas uma nau flamenga munida de uma licença assinada pela própria rainha Elizabeth que a autorizava a navegar pelos mares. Sem sorte, seguiram em direção ao oeste para o mar aberto. Dois meses depois avistaram a costa do Brasil. Não demorou para que fizessem a primeira presa: “avistamos dois pequenos barcos, um dos quais capturamos e o outro escapou. ... Nesse navio capturamos um padre que tinha se escondido em um caixote de farinha” (Knivet, 2008). No pequeno barco não havia muita coisa que interessasse aos ingleses, mas o piloto lhes informou que estavam em “Cape Frio”, a trinta léguas de Santos. Estar em constante busca de novas “presas” era um fato corriqueiro para expedições como as de Cavendish e os demais *sea dogs*; em geral, os navios apreendidos e saqueados não carregavam riquezas relevantes, mas eram uma fonte de informações preciosas para os navegadores, além de servirem para reabastecer os navios de suprimentos, algo semelhante ao “viver da terra” que os exércitos frequentemente praticavam em suas longas marchas.

“Na noite seguinte”, conta Knivet, “chegamos a um lugar chamado Ilha Grande, a doze léguas de Santos, onde tomamos cinco ou seis casas com portugueses e selvagens da região”. O primeiro desembarque da frota foi um alívio para a tripulação cansada após a longa viagem. Mas a experiência relatada por Knivet não traz alento:

“Nesta ocasião, houve tanta confusão entre os nossos que, se os portugueses fossem mais corajosos teriam matado muitos de nós. Nossos homens brigavam como comida como se fossem judeus, e não cristãos, e aqueles que conseguiam o melhor bocado escondiam-se em algum buraco, ou em baixo de alguma árvore na mata, e assim ficavam enquanto tivessem o que comer. ... De tarde, após incendiarmos mais um navio e queimarmos todas as casas, deixando o comerciante e todos os seus negros na praia, partimos de lá”

(Knivet, 2008)

É bem possível que a tripulação de Cavendish fosse extraordinariamente indisciplinada, como sugere Sheila Hue. Porém, o que é relevante é o deslocamento do referencial de civilidade da narrativa de Knivet. Os compatriotas ingleses não se portavam como “cristãos”, escondiam-se na mata ou em algum buraco para proteger sua comida e brigavam entre si como se movidos somente pelos seus estômagos. Mas o próprio Knivet, apesar do tom reprobatório – “naquele lugar cheio de trapças não consegui comida nem dinheiro” -, não se comporta de modo mais “cristão” que os demais. Enquanto buscava por comida pela ilha;

“... demos com sete ou oito homens de nosso grupo que se aglomeravam ao redor de um porco que haviam matado e brigavam para ver que ficaria com a melhor parte. Chegamos bem no momento em que começavam a se socar, e assim roubamos um pedaço da caça e corremos para dentro da floresta, onde passamos muito bem a noite”.

(Knivet, 2008)

Naquele ambiente aparentemente sem regras, nosso viajante se esgueira como um pequeno roedor em torno dos predadores. Knivet não está acima nem abaixo dos “nossos” que se comportam como animais. É apenas o mais fraco deles.

Dali em diante, as experiências de Knivet apenas pioram. Quando a expedição se preparou para o assalto a cidade de Santos, “havia tantos de nós que queriam embarcar que começamos a brigar e lançarmo-nos uns aos outros ao mar”. Tentando ficar entre os primeiros, Knivet se enfiou “debaixo do banco nossa chalupa e lá fiquei por duas horas”, e se safou por pouco de sufocar devido à quantidade de gente espremida no pequeno barco.

A tomada de Santos fora desordenada, apesar de tranquila. Gaspar Jorge, o piloto português que fora capturado antes, informou-lhes que a cidade estaria toda reunida para a missa, e que a população ofereceria pouca resistência caso fosse pega desprevenida. Graças a esta informação, a tomada aconteceu sem maiores incidentes. Já mencionamos que a estadia em Santos tomou mais tempo do que deveria, e que isso fora “a ruína de nossa viagem”. Durante os dois meses em que estiveram no local, os ingleses se estabeleceram no Colégio de Jesus. Em uma das celas Knivet encontrou, escondido em sacos de farinha, mil e setecentos reais de oito e tomou-os para si. Em Santos, Knivet fizera amizade com Christopher, um

japonês que se juntara à Cavendish ainda na ocasião de sua primeira expedição de circunavegação. “O oriental e eu”, diz, “ficamos tão amigos que não tínhamos nenhum segredo entre nós. Desde há muito confiando nele, contei-lhe do dinheiro que tinha encontrado”. A amizade não durou mais do que a longa estadia na cidade, pois o japonês furtou-lhe o dinheiro, o qual Knivet recuperou “por meu [seus] próprios meios. Mas aquela amizade acabou”. O autor terá outra experiência de amizade fugidia mais adiante, desta vez quando se relaciona com os índios. Nas aventuras do inglês ficamos com a impressão de que não se deve confiar em ninguém.

A partida de Santos fora, mais uma vez, marcada pela desorganização. “A balburdia dos homens na ora de embarcar era tanta que, se os portugueses tivessem um pouco de coragem, poderiam ter facilmente cortado nossas gargantas”. Se os ingleses não se mostravam um padrão confiável de civilidade, nem mesmo os orientais, os portugueses pecavam não pela crueldade, comumente associada aos espanhóis, mas pela covardia.

A descida até o estreito de Magalhães fora miserável. Em uma tempestade, os pertences de Knivet, suas roupas e o dinheiro que havia conseguido em Santos foram lançados ao mar. “Agora, chegando ao clima frio sem roupas eu tinha pouca esperança de sobreviver”. O ar congelante dos mares do Sul começava a fazer suas vítimas; as primeiras foram os dedos dos pés: “Quando acordei na manhã seguinte, meus pés estavam tão dormentes que não conseguia mexer as pernas. Ao tirar minhas meias, alguns dedos saíram junto”. Pouco mais tarde, “um ourives chamado Harris perdeu o nariz; quando tentou assoá-lo, ele acabou caindo de seus dedos no fogo”. É claro que a situação descrita por Knivet não deveria nos fazer rir, mas a leveza insólita com a qual nos narra a perda do nariz possui um ar cômico inegável.

Poderíamos empilhar trechos sobre trechos narrados por Knivet da mais pura miséria que assolou a expedição durante a navegação no estreito. A morte, por certo, não estava a mais de quatro dedos¹ de nenhum daqueles tripulantes. Nem

¹ Referência ao poema de Jean de Léry (2009) publicado em sua *História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América*: “Ainda que o mar por suas ondas ruidosas / faça arrepiar de medo quem o frequenta / o homem não obstante confia na madeira / que de espessura

por um instante podemos imaginar a navegação, nas letras que lemos, como um feito de grandeza. Se o compêndio de Purchas deveria ser uma ode ao espírito desbravador inglês, incluir o relato de Knivet foi uma péssima escolha editorial:

“No dia seguinte a tempestade passou e a maioria de nossos jovens marinheiros, a quem chamamos de homens de verga, estado exaustos do trabalho da noite toda, desceram para dormir um pouco e se recusavam a subir para fazer qualquer tarefa que se apresentasse. O capitão-mor [Cavendish] então desceu segurando uma corda do tamanho do meu braço, e um dos marinheiros se escondeu atrás de mim [Knivet, neste momento, estava praticamente morto, incapaz de ficar de pé]. Vendo-o, o capitão-mor brandiu a corda contra ele, mas acabou me atingindo num lado da cabeça”.

(Knivet, 2008)

No relato de Knivet, Cavendish pode ser qualquer coisa menos um herói honrado armado cavaleiro pela rainha. Não há qualquer glória na vida no mar. Melhor seria estar em uma prisão, dirá um século mais tarde o capitão Charles Johnson (Defoe, 2008; 1999), a comida é melhor e há menos chances de morrer. De fato, Após alguns anos de cativo no Brasil Knivet viria a desejar nunca ter tido a ideia de ir ao mar.

Após sucessivas tentativas de alcançar o estreito, Cavendish se dá por vencido. Knivet, que durante todo este tempo estivera à beira da morte, é deixado a sua própria sorte numa praia na ilha de São Sebastião² junto a mais uma dezena de marinheiros moribundos. “A minha esperança”, diz o autor, “se resumia a ter uma morte rápida”. Mas para a sua infelicidade, isso não aconteceu. Knivet se recuperou alimentando-se com o que podia encontrar e viveu o suficiente para ser capturado pelos portugueses e ser levado cativo ao Rio de Janeiro.

5.2.2.

A civilidade sanguínea

Anthony Knivet permaneceu cativo junto aos portugueses durante sete anos - de 1592, quando foi abandonado em uma praia da ilha de São Sebastião, a 1599,

tem apenas quatro ou cinco dedos / de que é feita a nau que o leva / não percebendo que assim vive / que tem a morte a quatro dedos / Reputado louco portanto pode muito bem ser aquele / que vai ao mar sem em Deus confiar / pois só Deus pode a vida lhe salvar”.

² Hoje, Ilhabela, SP.

quando embarcou para Lisboa - período que compõe a maior parte de sua narrativa. Durante quase todo este tempo esteve à disposição da família de Salvador Correia de Sá, fosse servindo ao próprio capitão-mor no engenho de açúcar, ou junto aos seus filhos Martin e Gonçalo Correia de Sá nas incursões para o interior em busca de ouro e escravos. As indas e vindas de sua estadia merecem uma breve explanação.

Nos três primeiros meses em que esteve no Rio de Janeiro, Knivet fora concedido – como escravo, presume-se – ao homem que o havia encontrado na ilha de São Sebastião. Durante o tempo em que ficou com este homem, conta Knivet, “eu cuidava da casa, levava seus porcos até a praia e de lá trazia, todos os dias, uma cesta cheia de enormes caranguejos [...] Era uma vida boa: meu senhor me chamava de filho e eu fazia as refeições com ele”. Em outras ocasiões Knivet fora bem cuidado pelos portugueses, como quando serviu durante dois anos a Martin de Sá, por quem passou a ser “muito bem tratado”; ou mesmo quando teve sua vida salva pela intervenção de João de Souza durante a segunda entrada ou mesmo quando acompanhou a expedição de Manuel Mascarenhas³ para massacrar os índios Potiguaras no nordeste.

Mas a maior parte do tempo em que esteve no Brasil sua vida não foi assim. Knivet comeu o pão que o diabo amassou nos diversos períodos em que trabalhou para Salvador Correia de Sá e era açoitado por um feitor que o ‘tratava mais como um cão do que como um homem’ e que “odiava ingleses”. Por conta dos maus tratos constantes, tentou fugir em cinco ocasiões, todas elas mal sucedidas⁴.

Não há dúvida de que Knivet sofreu o suficiente nas ocasiões em que trabalhou no engenho de açúcar para despertar nele o desejo de se ver livre daquelas aflições mesmo que fosse para viver o resto de sua vida entre os índios canibais, como somos constantemente lembrados pelo autor. As razões de seu desespero variavam: ora porque “não recebia alimentos ou roupas, mas sim mais chibatadas que escravos das galés” ou porque, com trajes puídos ao extremo, “tinha vergonha de aparecer nu na frente de portugueses”. Ora porque fora “açoitado em público,

³ Capitão-mor da capitania de Pernambuco.

⁴ Quando teve oportunidade de voltar para a Inglaterra, Knivet já não estava mais no Brasil, pois havia retornado junto a Correia de Sá para Lisboa. Os detalhes de sua fuga não são conhecidos, omitidos possivelmente pela edição de Purchas.

de tal forma que não me restou um só pedaço de pele inteiro em todo corpo”. Frente à tamanha violência seria preferível, diz Knivet colocar-se “nas mãos da piedade bárbara dos selvagens devoradores de homens do que da crueldade sanguinária dos portugueses cristãos”. Knivet teve duas oportunidades para fazê-lo, e em ambas o que encontrou entre os índios não o deixou mais satisfeito do que o que havia encontrado junto aos portugueses.

Seu primeiro encontro infeliz com os índios ocorreu quando, à mando de Martin de Sá, liderou um grupo de “oito escravos carregados de machadinhas e facas, para uma outra tribo de canibais chamados puris”⁵, que viviam em paz com os portugueses, mas que “há tempos não os visitavam”. Neste lugar, Knivet foi recebido amistosamente⁶ e posto par descansar em uma das casas. Contudo:

“Enquanto estive nessa aldeia, um selvagem de nome Guainumbi, que detestava portugueses, veio com duas mulheres até mim. Quando entrou na cabana onde eu estava, colocou as mãos nos pescoços delas e assim ficou dançando para mim. Depois de ter dançado por uns quinze minutos, falou comigo, dizendo: “Vê estas mulheres? Consegui o amor delas pelo meu valor. Jurei fazer todas as suas vontades e o seu desejo agora é que eu o mate, como já fiz com muitos outros”.

(Knivet, 2008)

Knivet reagiu dizendo – em que língua não se sabe – que não lhe desejava mal e que, “se nada o satisfizesse a não ser [sua] vida, ele poderia estar certo de que ele e todo o seu povo pagariam por isso”. Após alguma confusão entre o europeu e o americano, o ancião⁷ da aldeia teve de intervir: “irritado, mandou-o [o índio agressor] deixar a aldeia ou se arrependeria de ter se aproximado”. Contudo, “na manhã seguinte chagaram novas de que Guainumbi estava a caminho com

⁵ Esta foi a primeira entrada importante que Knivet fez ao interior para buscar escravos junto aos índios. Em sua estadia no Brasil, fez muitas outras, algumas com sucesso, que visavam além de escravos, buscar metais e pedras preciosas. O nome da aldeia visitada por Knivet era Pianitá.

⁶ A recepção fora semelhante a que vemos em outros relatos e que muitas vezes causava espanto e temor nos europeus: “vieram pelo menos vinte mulheres e, enquanto algumas deitavam a cabeça no meu ombro, outras em meu colo, começaram a chorar tão alto e de modo tão sem sentido que fiquei perplexo [...] Assim que as mulheres se foram, entrou um ancião todo pintado de vermelho e preto [...] Esse canibal caminhou pela cabana até onde eu estava, carregando uma espada de madeira na mão, falando muito alto e parecendo louco, batendo com a mão no próprio peito e na coxa. E ficava andando de um lado para outro e gritando. Depois que esse selvagem acabou de falar, me deu um tapa na cabeça e me desejou boas vindas, ordenando que me fosse servido tudo o que havia de comer na casa” (Knivet, 2008, p. 74).

Como também é bastante comum nos relatos de encontros com os índios, momentos de completa incompreensão são seguidos de outros no qual tudo se esclarece, como se todos falassem a mesma língua. Knivet certamente tinha grande facilidade em aprender línguas, mas não parece ser este o caso.

⁷ O nome deste ancião era Jaguarapipo.

trezentos canibais para levar-me à força para sua aldeia, onde eu seria morto segundo as leis da terra”. Knivet relata que o ancião, quando soube da chegada dos índios e que pretendiam matar seu convidado, convocou toda a aldeia para a sua proteção:

“Ao ouvirem essa ordem, todos soltaram um grande brado, dizendo que preferiam morrer a serem desonrados. O ancião me abraçou muitas vezes e pediu-me que esperasse na sua cabana. Agradei-lhe a amizade mas disse-lhe que de modo algum eu ficaria para trás, esperando por ele. E assim fui com ele enfrentar o canibal no campo”.

(Knivet, 2008)

Deste modo, Knivet julgou ter ganho a simpatia daqueles “canibais”, que haviam arriscado as suas próprias vidas para lhe defender como se o que estivesse em jogo fosse a honra de toda a tribo. Na manhã seguinte, partiu de volta para ter com Martin de Sá e lhe oferecer os setenta escravos que havia conseguido naquele lugar em troca das quinquilharias que havia levado na bagagem.

Pouco tempo depois Knivet descobriu que os serviços prestados à Martin de Sá não haviam sido suficientes para comprar sua liberdade. Pior, o inglês foi mandado de volta ao engenho de açúcar para ser novamente achincalhado pelo feitor que detestava... ingleses. Desta vez, resoluto, Knivet planejou libertar-se de sua “vida miserável” de uma vez por todas. Quando viu a oportunidade, revidou contra aquele feitor: “abraçei-o e esfaqueei-o pelo lado, nas costas e no braço com um facão que eu tinha. Ele gritou que eu o tinha matado”. Assim, Knivet tentou a fuga para o “coração da floresta” rezando “para que Deus mandasse algum leopardo ou leão para me devorar em vez de deixar que eu fosse mais uma vez capturado pelos portugueses”.

Em sua fuga assustada pela mata, o inglês se deparou com um índio que dormia numa praia. “Depois de observá-lo bem”, conta, “vi que era um dos escravos de meu senhor. Ele havia assassinado um de seus companheiros e por isso estava foragido”. Juntos, Knivet e Guaraciba – “nunca um homem teve uma amizade tão sincera quanto eu a dele” – decidiram rumar para a aldeia de Pianitá na qual Knivet fora abraçado e defendido por todos não havia muito tempo. Ao chegarem naquele lugar, conta Knivet, foram recebidos gentilmente, sobretudo, por seu “velho amigo Jaguarapipo”. E como se lhes conhecesse desde a tenra infância,

Knivet reuniu-se com os índios, em festa, para contar-lhes a sua história e a razão de seu retorno:

“comecei a contar-lhes como os portugueses tinham sido cruéis com o seu povo, escravizando-os, marcando-os como cães, açoitando-os e torturando-os como se não fossem feitos de carne e osso⁸. Conte-lhes a história de minha própria vida e pedi-lhes que lembrassem como meus conterrâneos os tinham tratado em outros tempos, impelindo-os a serem valentes e manterem-se confiantes e convencendo-os a se defender contra aqueles tiranos que, sob a aparência da amizade tratavam-nos da pior forma. Então disse-lhes que eu tinha assassinado um português e que pretendia viver com eles até o fim de meus dias se me prometessem que me defenderiam e a si mesmos contra os portugueses. Quando terminei muitos vieram me abraçar, dando vivas e dizendo que, enquanto estivessem vivos e seus arcos inteiros, defenderiam a si e a mim”⁹.

(Knivet, 2008)

Por nove meses Knivet viveu com os puris na aldeia de Pianitá, sob a guarda de seu “velho amigo” Jaguarapipo. Mas não foi preciso muito para que aquela confiança mútua e amizade profunda se desfizessem. Martin de Sá, dando falta de seu escravo, Anthony Knivet, logo descobriu por onde se escondia o inglês e tomou providências para que fosse trazido de volta:

“Quando os selvagens de Juqueriquerê¹⁰ chegaram em Pianitá, espalharam por toda a aldeia notícias da generosidade de Martin de Sá, de tal forma que, sem qualquer hesitação, amarraram minhas mãos e levaram-se de volta para o filho de meu senhor. [...] Todos aqueles canibais que até então tinham me jurado a maior amizade transformaram-se em meus maiores e mais mortais inimigos, e com grande alarido me ridicularizavam, batendo na minha cabeça e contando aos portugueses como eu tinha tentado convencê-los a se tornarem seus inimigos”.

(Knivet, 2008)

Deste modo, sem hesitação, a relação sólida de confiança que Knivet julgara ter estabelecido com os bárbaros piedosos de Pianitá desapareceu no ar.

⁸ Knivet esquece de dizer que ele próprio fora, por tantas vezes, o veículo desta escravização e sofrimento, e que continuaria a fazer coisas ainda piores no resto de seu tempo no Brasil. Mas são detalhes...

⁹ Knivet repete, aqui, *ipsis litteris*, a relação triangular que opunha os ibéricos aos índios e que apresentava os ingleses (ou franceses, dependendo da ocasião) como nações amistosas e confiáveis, coisa que, em alguns casos, deve-se admitir, era verdade, mas não desta vez. Não é possível saber se Knivet acreditava nesta história ou se somente dava aqui uma bela demonstração do instinto de sobrevivência que o ajudou a ficar vivo por tanto tempo no Brasil a despeito das adversidades que encontrou.

¹⁰ Aldeia próxima e também aliada dos portugueses.

O segundo encontro de Knivet com os índios aconteceu não muito depois, quando participou da segunda expedição organizada por Martin de Sá¹¹ ao interior do Brasil em busca de ouro, pedras preciosas e índios para escravizar.

A expedição foi um fracasso. Após rodar durante meses mata adentro, nada encontraram que valesse o esforço. Exaustos e famintos, parte dos portugueses decidiu retornar; Knivet em companhia de mais doze homens tiveram permissão de seguir adiante conforme desejassem. Para o inglês, aquela era a oportunidade de se ver livre dos grilhões lusitanos que por tanto tempo sonhara.

Knivet e sua companhia imaginavam que, seguindo para o interior do Brasil alcançariam com facilidade as famosas minas de prata de Potosí. No caminho, encontraram grande quantidade de pedras “verdes como grama”, outras “eram azuis e verdes, vermelhas e brancas, todas deslumbrantes de olhar”. Nos córregos, encontraram “pequenas pepitas de ouro do tamanho de uma noz, e muito ouro em pó feito areia”. A trilha de migalhas que se revelava só poderia significar uma coisa: “quando vimos as pepitas de ouro e essas pedras, calculamos estar muito próximos de Potossí¹²”.

Knivet e os portugueses rumaram por meses na floresta, pois melhor seria, dizia o inglês para animar seus colegas, seguir a diante em direção ao mar do sul¹³, “caso contrário, temos que nos preparar para ficar vivendo como animais selvagens aqui onde nossa vida durará quanto Deus quiser, sem que pesem posse, nome ou religião”. Em outras palavras, teriam que viver como os índios selvagens do Brasil.

Pouco tempo depois a companhia deu de encontro com uma aldeia para a qual decidiram se apresentar. Os portugueses disseram a verdade sobre de onde vinham; Knivet disse aos índios que era francês e isso lhe salvou a vida¹⁴. Um a

¹¹ Em seu relato, Knivet afirma que esta expedição fora organizada para ajudar os Guaianeses, aliados dos portugueses, a lutar contra os Tamoios, inimigos dos portugueses. O mais provável, contudo, de acordo com Sheila Hue, é que a expedição liderada por Martin de Sá tenha sido parte do “projeto exploratório coordenado pelo governador-geral d. Francisco de Sousa” que, junto a outras duas bandeiras, vasculharam o interior do país em busca de metais preciosos em 1596 (Knivet, 2008).

¹² De acordo com Sheila Hue (2008), se encontravam naquele momento no sertão de São Paulo.

¹³ Oceano Pacífico.

¹⁴ Como já havia salvado a vida de Hans Staden.

um, dia após dia, os portugueses foram mortos com pancadas na cabeça e comidos pelos canibais. Knivet, aterrorizado, imaginou que teria o mesmo destino dos outros, mas, quando havia sobrado só ele, ouviu dos índios que não tivesse medo, “pois os vossos antepassados”, disseram, “foram nossos amigos e nós, deles, mas os portugueses são nossos inimigos, e nos escravizam, e por isso fizemos com eles isto que vistes”. Knivet respondeu aliviado que ele também fora escravo dos portugueses e que não guardava simpatia por eles.

Knivet viveu com os Tamoios¹⁵ durante um ano, ensinando-os a guerrear organizadamente e ganhado o respeito da tribo por seu desempenho nos combates. Foram-lhe oferecidas esposas, as quais recusou dizendo que não era do costume de seu povo “tomar por esposas mulheres que não fossem da nossa terra”. Mas viveu em paz com os Tamoios e, ao que parece, teve bastante influência entre eles. Mas o medo, expressado antes, de viver para o resto de sua vida como “um animal”, “sem que pesem posse, nome ou religião”, era maior do que o receio de ser capturado novamente pelos portugueses. Em certa ocasião, “enquanto pescava sozinho”, Knivet começou a “amaldiçoar o dia em que pela primeira vez ouvi falar do mar, e me lamentei, pensando como pude ser tão tolo em abandonar minha própria terra onde nada me faltava”.

Por sorte, os Tamoios também não estavam satisfeitos com sua situação atual. Tendo sido expulsos da costa pelos portugueses e não mais podendo comerciar com os franceses, estavam agora bem pior do que antes. Ao ouvir a reclamação dos índios, Knivet ofereceu levá-los novamente à costa, “livre das ameaças dos portugueses” onde poderiam voltar a ter contato com os franceses, onde teriam “abundância de tudo” e que conhecia um local onde “os portugueses não poderiam nos fazer mal”. Na realidade, Knivet confessa, desejava estar perto da costa porque sabia que ali poderia encontrar navios ingleses que volta e meia perambulavam no litoral em busca de presas carregadas de metais vindas do Rio da Prata. Era a sua chance de voltar à civilização. Inflamados pelas promessas de Knivet, os Tamoios aceitaram segui-lo. Péssima escolha.

¹⁵ Os Tamoios foram, de fato, inimigos dos portugueses e aliados dos franceses. É provável que Knivet soubesse disso mesmo antes de se apresentar à tribo e julgou que seria melhor omitir sua origem verdadeira. Salvou-se por isso.

Knivet guiou os índios para o litoral de São Paulo, onde foram descobertos pelos portugueses que, sob o comando de Martin de Sá, “alcançaram-nos no meio da noite e tomaram a aldeia”. “Ao serem interrogados”, reclama indignado o inglês da traição dos Tamoios, sobre o que acontecera com os portugueses que haviam capturado, “os índios disseram que eu lhes tinha mandado matar”. Mas, para a sorte de Knivet, as palavras dos Tamoios valiam pouca coisa entre os lusitanos. “Os portugueses então mataram todos os velhos e mulheres [...] que eram ao todo dez mil. Os vinte mil restantes foram distribuídos entre eles para servirem de escravos”. “E esta foi a última vez que ouvimos falar do grande ramo tamoio dos Tupinambás”, conta o pesquisador John Hemming (Knivet, 2008).

Knivet tentaria a fuga algumas outras vezes, mas nunca mais quis escapar para estar entre os índios novamente. Nos anos que lhe restavam no Brasil, o inglês emprestou todo o conhecimento que havia adquirido com os índios aos portugueses e os ajudou grandemente nas matanças genocidas que fizeram em muitas outras expedições. É bem verdade que, durante um tempo, Knivet desejou estar nas mãos bárbaras, porém piedosas, dos selvagens do que servir como escravo no engenho de Salvador Correia de Sá. Mas nas ocasiões em que esteve com os índios, traiu e foi traído pelos nobres canibais brasileiros. Sua experiência no Brasil fez com que deixasse para trás a ilusão de que seus conterrâneos, os ingleses, fossem melhores do que seus inimigos, os portugueses, ou mesmo que os índios apoiariam com boa vontade e de olhos fechados a civilidade sanguinária de uns, mas não a de outros.

Parte do que atrai a atenção do leitor no texto de Knivet é a inversão de expectativas que ocorre a todo tempo. A experiência de Knivet é como que estar à deriva sem ter onde se segurar. É bem verdade que os portugueses eram inimigos dos ingleses e detestavam a fé protestante. Mas a narrativa nos força constantemente a reavaliar os valores absolutos que estruturavam as relações intersociais nos séculos XVI e XVII. Como bem vimos ao longo da “fase inglesa”, os conterrâneos de Knivet não eram melhores ou mais civilizados do que os inimigos portugueses. Durante a “fase portuguesa” Knivet descobre que seus inimigos não são necessariamente desumanos, cruéis ou covardes, mas frequentemente podem ser também tão ruins quanto seus compatriotas ingleses.

Mas o que queremos ressaltar aqui não é a precariedade das relações de Knivet com os portugueses – afinal, ele fora capturado como um inimigo que até pouco antes estivera saqueando a costa brasileira junto com Cavendish. A desconfiança mútua entre o inglês e os portugueses não é difícil de ser compreendida. O que mais nos interessa é a difícil negociação entre a opção de permanecer entre os portugueses “civilizados” como um escravo maltratado ou buscar refúgio e simpatia com os índios “selvagens” que obriga Knivet a constantemente oscilar entre o medo da imprevisibilidade dos “canibais” e terror causado pelos “civilizados” portugueses. Nenhuma das duas opções satisfaz nosso aventureiro; de um lado, está sempre a ser ameaçado e açoitado; de outro, sempre temeroso do de ser capturado e comido vivo pelos selvagens canibais. Em suas indas e vindas pelo Brasil, Knivet planifica a hierarquia da barbárie; todos o são, mas por motivos diferentes. Ninguém deve ser confiado, cada qual por suas razões.